

FH pede fim da "demagogia"

Presidente critica partidários de um reajuste maior para o salário mínimo

FRANCISCO LUIZ NOEL *

BIGUAÇU, SC - Em defesa do salário mínimo fixado pelo governo, de R\$ 151, que entra em vigor segunda-feira, o presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem que os partidários de um valor maior estão fazendo "demagogia", e associou uma elevação brusca do mínimo à volta da inflação e ao desequilíbrio da economia, com efeitos nocivos como a alta dos juros.

Ao inaugurar o último trecho do gasoduto Bolívia-Brasil, neste pequeno município a 25 quilômetros de Florianópolis, o presidente disse que a melhoria dos salários e da oferta de empregos depende do desempenho da atividade econômica e, manifestando otimismo, previu crescimento de pelo menos 4% na economia brasileira, este ano.

PFL - As críticas aos defensores de aumento maior para o salário mínimo foram feitas por Fernando Henrique em discurso, a poucos metros do senador catarinense Jorge Bornhausen, presidente nacional do PFL - partido que vem fazendo de cavalo de

batalha, a seis meses das eleições municipais, a defesa de reajuste maior para o mínimo.

"Precisamos crescer mais para, então sim, poder ter mais emprego, melhores salários e não fazer demagogia, criando a ilusão de que estamos dando salário, quando estamos tirando com a outra mão, via inflação ou via taxas de juros altas. É preciso ter noção da realidade, coragem, tranquilidade e firmeza para manter o rumo do país, que é o que nós estamos fazendo."

Fernando Henrique chegou para a inauguração às 11h, de helicóptero, acompanhado por Jorge Bornhausen, pelo governador Esperidião Amin e sua mulher, Ângela Amin, prefeita de Florianópolis, pelo ministro das Minas e Energia, Rodolfo Tourinho, e pelo senador catarinense Cacildo Maldane (PMDB). Após a inauguração, com 300 empresários e políticos, Bornhausen voltou no helicóptero do presidente para a base aérea vizinha ao Aeroporto Ercílio Luz, de onde Fernando Henrique seguiu no início da tarde para Brasília.

CUT - O otimismo quanto

ao futuro do Brasil deu o tom do pronunciamento de Fernando Henrique, que passou uma hora na estação de compressão do trecho sul do gasoduto, onde foi recebido com pequeno protesto de militantes da CUT e de partidos de esquerda, e com aplausos e faixas de apoio esticadas por integrantes do PSDB catarinense.

Invocando a conclusão do gasoduto Bolívia-Brasil como exemplo de que o país está se desenvolvendo, o presidente pontuou o discurso otimista com críticas a setores da oposição que, para ele, não compreendem as ações do governo destinadas a fazer o Brasil avançar. Fernando Henrique lembrou que, quando o gasoduto ia ser iniciado, no governo de Itamar Franco, não faltava quem dissesse que o projeto fracassaria por falta de gás natural na Bolívia.

Ao assinalar que o futuro do país depende das ações do presente, Fernando Henrique afirmou que empreitadas como a do gasoduto - um investimento de US\$ 2 bilhões - "têm de ser praticadas a despeito das incompreensões, a despeito daqueles que, com boa

ou má-fé, puxam o país para o atraso e fazem, o tempo todo, tentativas de mostrar que o Brasil está cada vez pior, quando ele está cada vez melhor". Na opinião do presidente, "isso é uma realidade claríssima para o povo brasileiro".

Em entrevista à Rádio Gaúcha divulgada ontem em Porto Alegre, Fernando Henrique garantiu que "o presidente não vai subir em nenhum palanque" na campanha eleitoral deste ano. O governo federal, disse, "tem cinco partidos básicos apoiando-o, além de outros mais. Se eu entrar na campanha, vou criar dificuldades para o governo".

Ele lembrou que não é a primeira vez que toma tal decisão. "Só declarei nas outras vezes meu voto em São Paulo, porque sou eleitor lá. Mas não faço também campanha diretamente." E apontou outro motivo para ficar distante dos palanques: "Eu daria a impressão (caso participasse da campanha) de que o governo federal estaria usando recursos. Isso não vou fazer."

* Colaborou José Mitchell, de Porto Alegre